

Geografia genética e o Eu na arte de rosana paste

Foi em uma tarde de sábado, em frente ao mar da Praia da Costa no outono de 2013, que meu contato com o projeto *eumuseu*, na época ainda sem nome, começou. O convite partiu da artista plástica rosana paste, cuja carreira nas artes iniciou exatamente no mesmo local que a minha: nos palcos, fazendo *performance art* com o grupo Éden Dionisíaco do Brasil nos últimos anos da década de 80. Em torno de uma garrafa de vinho, rosana me disse que começava a preparar sua exposição solo, *eumuseu rosana paste*, que abre no dia 08 de maio na Galeria Matias Brotas em Vitória. Naquele dia, ela me convidou para colaborar com um livro que faria parte do projeto. O sim foi automático e eu saí do encontro, ou melhor, (re)encontro, cheio de idéias e entusiasmo, sentindo o frisson da possibilidade criativa fazendo meu DNA de artista zunir.

A exposição marca o retorno de rosana ao circuito expositivo desde a sua última individual, *Entre mim e você*, que aconteceu em 2005, na Galeria Virgínia Tamanini em Vitória. *eumuseu rosana paste* reúne um conjunto de novos trabalhos que inclui esculturas, fotografias, objetos e plotagens realizados entre 2013 e 2014. Também inclui trabalhos de períodos anteriores que dialogam com a produção recente, remontando à década de 1980, 1990 e 2000. Os trabalhos são feitos a partir de uma gama de materiais que vem marcando a trajetória da artista e dando corpo à suas idéias filosóficas, incluindo chumbo, pele de coelho, aço inox, tecido veludo e mármore sintético.

Trata-se de um conjunto heterogêneo e o livro de certa forma funciona como a dobradiça conceitual da exposição. Junto com Taiza Ammar e Jocimar Nalesso, começamos o trabalho no livro. Nossa primeira ação como coletivo foi vasculhar o acervo de fotos e trabalhos de rosana em uma espécie de expedição arqueológica em que ela, o agente aglutinador, exerceu a dupla função de pesquisadora e pesquisado. Esse é o *modus operandi* da 'geografia genética' como metodologia de trabalho artístico. Na trajetória da artista, o dado biográfico e o seu corpo são materiais centrais de sua criação e pensamento.

Foi a partir desse conceito que parte do trabalho foi sendo desenvolvida, através da re-territorialização de materiais prévios, processo pelo qual eles são elevados do estado-objeto para o estado-objeto de arte. Esse foi o caso, por exemplo, de uma calcinha de noite de núpcias que foi re-significada com um gesto artístico para a exposição. Ela está entre as outras peças expostas, que incluem escultura de uma cadeira em escala arquitetônica ("DoNA Rosana") e uma série de múltiplos, referencia importante na produção da artista, em forma de um conjunto de cadeiras pequenas ("Entre rainhas"). Outros exemplos de múltiplos têm a forma de sete livros de chumbo,

feitos com pele de coelho e encadernados com fio de prata. O chumbo é escolhido por sua resistência e maleabilidade, permitindo que as páginas dos livros possam ser folheadas. Há também esculturas dos pés da artista, mãe e filho (“O que pode um corpo”), uma seqüência genealógica que aparece também em um trabalho de fotos de outras partes dos mesmos corpos. Uma caixa de acrílico com três lanças de metal recebeu o nome de “Paixões alegres”, em referência ao filósofo Spinoza, uma influencia marcante na artista. Há ainda a sala dos afetos com objetos pessoais museificados para a exposição, entre outros trabalhos.

Reverberando criativamente desde sua gênese em 2000, a geografia genética se apresenta com força nessa nova exposição através do *eumuseu*, que inclui a reprogramação do código rosana paste em um novo código chamado DoNA Rosana, uma das criações do coletivo. O *eumuseu* é a vida como um canteiro de obras prontas para serem reprogramadas como arte. DoNA Rosana é seu material e nela os códigos da geografia genética se cruzam e se fecundam. Em sua práxis, rosana não trabalha uma obra de arte, mas sim um projeto artístico que vai tomando forma, se multiplicando, assentando, somando e subtraindo, absorvendo a ação do tempo como um curador e escultor. Ela não é uma artista focada em volume. Seu foco é em processo.

Parte da idéia do coletivo foi criar, através de encontros regulares, uma espécie de ritual artístico em torno do eixo central que a artista representa no projeto. Esse processo teve sua apoteose no dia em que nos reunimos em torno do corpo da artista para uma performance usando placas de chumbo, um dos materiais recorrentes na produção de rosana, como material para ser manipulado em torno do seu corpo. O chumbo sintetiza poéticas que rosana vem pesquisando no campo sensorial, onde polaridades táteis são usadas em construções contrastantes. O evento registrado fotograficamente forneceu ao coletivo uma espécie de revigoreamento e clareza de propósito e foi através deste momento que o livro concatenou. Ele funcionou como uma demonstração em laboratório da tese da geografia genética, que agora se expande para o espaço da galeria de onde continuará se multiplicando, *ad infinitum*.

Lobo Pasolini é jornalista, videoartista e escritor. É mestre em teoria de cinema pela University of Westminster, Londres.